A CONSTRUÇÃO DE PLANOS DE ENSINO PARA AS ESCOLAS QUILOMBOLAS KALUNGA: DIÁLOGO ENTRE SABERES QUILOMBOLAS E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Elizana Monteiro dos Santos
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
elizana.monteiro@ufma.br

Mônica Castagna Molina
Universidade de Brasília – UnB
mcastagnamolina@gmail.com

Introdução

As reflexões que trago nesse resumo são resultado do processo de construção dos planos de ensino para as escolas quilombolas propostos pelo projeto Investigando as potencialidades da práxis dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo para promoção do Desenvolvimento Humano e Social nas Escolas do Quilombo Kalunga. O projeto de pesquisa da Universidade de Brasília - UnB concentra-se no potencial dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) para impulsionar o desenvolvimento humano e social nas escolas do Quilombo Kalunga, agroecologia com ênfase no manejo sustentável do Cerrado. Localizadas nas comunidades Vão do Moleque e Vão das Almas, em Cavalcante - GO, essas escolas buscam integrar conhecimentos tradicionais ao ensino formal. A importância da sociobiodiversidade do Cerrado, um patrimônio cultural e econômico vital para a identidade local, é destacada. Através da pesquisa e extensão, o projeto visa oferecer formação continuada para educadores da LEdoC, preparando-os para desenvolverem práticas pedagógicas que preservem os recursos do Cerrado e promovam sua incorporação na alimentação escolar, alinhando-se ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

A prioridade do projeto é analisar a sociobiodiversidade do Cerrado e integrá-la nos currículos escolares das comunidades quilombolas, promovendo educação para manejo sustentável dos recursos naturais. Catalogação de conhecimentos tradicionais e identificação de métodos sustentáveis são objetivos essenciais. A formação na LEdoC prioriza uma abordagem interdisciplinar que vá além do ensino tradicional, conectando o conteúdo acadêmico com a vivência dos estudantes camponeses e quilombolas. Sobre a interdisciplinaridade, Frigotto (2008) afirma que a educação deve articular conhecimentos científicos a partir da concretude e materialidade do objeto estudado, não

abstraindo-se das contradições da realidade.

O conceito de agroecologia está presente nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo, conforme Caldart (2021), que descreve a agroecologia como uma combinação de práticas indígenas e camponesas, que une ciência com memórias ancestrais para um modelo de agricultura que respeita a vida humana e a natureza. Ao integrar práticas agroecológicas nos planos de ensino, a ideia é promover oficinas práticas que aliam o cultivo de alimentos de maneira sustentável, enquanto reafirmam a importância das tradições do povo Kalunga. Isso garante que os saberes alimentares e culturais sejam incorporados nos currículos escolares, preservando a riqueza das práticas tradicionais.

Os egressos da LEdoC desempenham papéis cruciais como facilitadores, aliando o conhecimento acadêmico com saberes locais, para oferecer uma educação contextualizada e relevante para as suas comunidades. Esta abordagem transforma escolas em ambientes de aprendizado onde práticas sustentáveis e valor cultural são discutidos e promovidos. Assim, contribui-se para o fortalecimento do Território Kalunga e a sustentabilidade ambiental. Para Frigotto (2008) e Caldart (2021), a pesquisa coloca a educação do campo em perspectiva para o desenvolvimento comunitário sustentável e a preservação cultural.

Quilombo Kalunga: Território de Resistência e Saberes Ancestrais

Territórios quilombolas são espaços históricos de resistência, originados no Brasil colonial por negras e negros escravizados que buscavam refúgio fugir da condição de escravizados. Situados em locais de difícil acesso, como montanhas e florestas, simbolizam a busca pela liberdade e resistência ao racismo, como apontado por Gouveia (2018). Hoje, esses territórios continuam a ser ícones de luta, especialmente pelo direito à terra reconhecido na Constituição de 1988, mas ainda pouco efetivado. As comunidades enfrentam desafios em termos de demarcação de terras, acesso a políticas públicas e preservação ambiental. A articulação dos movimentos sociais tem conquistado reconhecimento nacional e internacional, reforçando a importância desses espaços como vitais para identidade e ancestralidade quilombolas.

O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga está localizado numa vasta cadeia de montanhas na Chapada dos Veadeiros, abrangendo os municípios de Monte Alegre, Teresina e Cavalcante no Nordeste Goiano. Desde o século XVI, esse território serviu como refúgio seguro para os quilombolas em fuga das ameaças dos senhores de escravos. Nas margens do rio Paranã, um marco importante da ocupação, os povos quilombolas

encontraram um lugar onde podiam viver em harmonia com a natureza, preservando suas tradições culturais. O reconhecimento do Quilombo Kalunga como Patrimônio Cultural da Humanidade em 1991 reforçou a importância de seu papel histórico na resistência e preservação cultural. A territorialidade Kalunga não representa apenas uma ocupação física, mas sim um espaço sagrado que simboliza cura e proteção, sendo testemunho da força e resiliência do povo Kalunga.

O Quilombo Kalunga, com seus 253.000 hectares, não é apenas o maior quilombo do Brasil, mas também um pilar de identidade e cultura para as 56 comunidades que compõem esse território. A íntima ligação entre as comunidades Kalunga e seu ambiente natural é evidenciada por rios, montanhas e plantas que formam parte de sua identidade. Essa conexão enfrenta desafios constantes, principalmente com a luta pela proteção de seus direitos territoriais contra a exploração econômica pelas mineradoras e o agronegócio. Através da Associação Quilombo Kalunga - AQK e do apoio do INCRA, os Kalunga vêm conquistando vitórias como a regularização fundiária, que fortalece sua segurança territorial. Essas ações garantem a continuidade de seu legado cultural e histórico, vital para o enriquecimento da sociedade brasileira e a proteção dos territórios tradicionais.

Educação do Campo e Quilombola: caminhos para a valorização de saberes tradicionais

A I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo de 1998 foi crucial para dar visibilidade às necessidades das comunidades rurais, influenciando a criação de políticas como o PRONERA e a Política Nacional de Educação do Campo em 2010. No contexto quilombola, a articulação política dos movimentos sociais foi essencial para que suas culturas fossem valorizadas no sistema educacional, como exemplifica o caso do território Kalunga, onde as escolas não apenas educam formalmente, mas funcionam como espaços de resistência cultural. A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), especialmente na Universidade de Brasília, tem desempenhado um papel significativo na formação de educadores para regiões do Distrito Federal, Entorno de Goiás e Noroeste Mineiro. Com uma matriz interdisciplinar, as LEdoCs conectam o conhecimento acadêmico com saberes comunitários. Segundo Molina e Sá, essas escolas criam "estratégias pedagógicas que superam os limites da sala de aula", desafiando a educação capitalista e construindo espaços de aprendizado que refletem a realidade social dos estudantes (MOLINA; SÁ, 2012, p. 332).

As escolas quilombolas e do campo promovem relações sociais transformadoras

por meio de uma educação inclusiva e democrática que respeita e valoriza as culturas locais. Essas práticas pedagógicas destacam a participação em questões comunitárias e iniciativas como associações quilombolas e turismo comunitário. A educação quilombola não é apenas uma política de ensino, mas fortalece culturalmente, atuando como plataforma de resistência e afirmação das identidades, preparando jovens para os desafios contemporâneos enquanto preservam sua herança cultural. O planejamento educacional deve implicar atividades que questionem e conscientizem sobre problemas coletivos, aproximando o ensino da realidade social, referindo-se à realidade histórica como base (Mallat, Gonçalves, Gehrke, 2018). Este processo envolve a elaboração coletiva e alinhada com a realidade local, garantindo que comunidades quilombolas e rurais possam construir um futuro sustentável.

Análise dos Planos de Ensino

Os planos de ensino em questão visam integrar saberes tradicionais quilombolas aos conteúdos curriculares, focando na contextualização dos recursos naturais e culturais das comunidades quilombolas. Utilizando visitas guiadas, depoimentos de moradores e materiais da comunidade, a metodologia propõe atividades práticas baseadas em Trabalhos de Conclusão de Curso dos egressos da LEdoC do Território Kalunga. A avaliação se baseia na participação dos educandos nas atividades, com objetivos de aprendizagem específicos e mensuráveis.

A construção destes planos se fundamenta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), adaptada ao contexto Kalunga para refletir a história, cultura e conhecimentos desta comunidade, com embasamento teórico dos egressos quilombolas da LEdoC UnB.

Planos de Ensino Resumidos:

1. Ciências da Natureza (6º ano): O plano "Introdução à Ecologia" objetiva explicar interdependências entre seres vivos e o ambiente, englobando práticas socioambientais das comunidades Kalunga e visitas guiadas para observação de ecossistemas.
2. Ciências da Natureza (7º ano): O tema "Reino Plantae" utiliza uma abordagem interdisciplinar, com práticas como construção de herbário. Enriquecido por mapas e depoimentos dos anciãos e griôs, foca na valorização da cultura e biodiversidade do Cerrado (Maia, 2013)

3. Ciências da Natureza (8º ano): "Alimentação Saudável" destaca a importância da nutrição e alimentos regionais, vinculando ao fortalecimento econômico da comunidade por meio de programas governamentais como o PAA e PNAE. Inclui análises nutricionais práticas (Rosa 2016).
4. Matemática (9º ano): A aula de "Geometria Plana" aborda conceitos básicos aplicáveis na vida cotidiana e no planejamento de espaço agrícola, utilizando ferramentas tecnológicas para cálculo de áreas e perímetros.
5. Química (1º ano do Ensino Médio): A aula sobre a "Tabela Periódica" discute elementos químicos e a prática agrícola, propondo atividades de identificação no ambiente e práticas agroecológicas de adubação e compostagem.

Esses planos promovem uma pedagogia que valoriza a diversidade cultural, adaptando métodos e conteúdos às realidades comunitárias, respeitando práticas locais e integrando saberes tradicionais nos currículos. Realizaram-se visitas, entrevistas e uso de materiais comunitários, enriquecendo o ensino e aprendizado com conhecimentos sobre plantas medicinais e preservação do Cerrado.

Reflexões do processo

As práticas pedagógicas nas escolas do campo e quilombolas devem ser sensíveis aos contextos locais, integrando conteúdos científicos com a realidade dos estudantes. A transmissão de conhecimento desvinculado da prática resulta em aprendizado superficial. A escola precisa valorizar a cultura comunitária e os saberes tradicionais, reconhecendo a riqueza desses conhecimentos adquiridos historicamente.

É fundamental integrar currículos à vida dos estudantes. Isso inclui recursos didáticos contextualizados, como visitas guiadas, entrevistas com moradores e incorporação de aspectos culturais no currículo. Essa interação entre teoria e prática ajuda os estudantes a enfrentar desafios reais, enquanto fortalece a identidade cultural e o senso de pertencimento através do envolvimento comunitário.

Contudo, o programa Goiás - Tec representa um risco para a educação nas escolas quilombolas do Território Kalunga, evidenciando a precarização e privatização do ensino público. As tecnologias podem limitar a autonomia docente, prejudicando um ensino contextualizado.

Referencias

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2016 (2ª versão). Disponível em: http://undime-sc.org.br/download/2a-versao-base-nacional-comum-curricular/

CALDART, R. S. Educação do Campo e Agroecologia. In: Dicionário de Agroecologia e Educação. DIAS, Alexandre Pessoa *et al* (orgs.). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2021, p. 355-361.

COSTA, V. S. A luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo) – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7260/1/2013_VilmarSouzaCosta.pdf.

FRIGOTTO, G. Interdisciplinaridade como necessidade e como Problema nas Ciências Sociais. Revista Centro de Educação e Letras v.10, N1. P- 41-62, 2008.

GOUVEIA, L. R. Desafios organizativos da resistência quilombola. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) − Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

GOUVEIA. L.R. História e dinâmica do modo de produção hegemônico do capital no território Kalunga e perspectivas de resistência. (Dissertação de Mestrado). São Paulo - 2021

MAIA, J. F. Densidade de indivíduos de Xylopia aromática (pimenta de macaco) em uma área da comunidade Kalunga Engenho II, Cavalcante, Goiás. 2013. 36 f. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) —Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2013.Disponivel em: https://bdm.unb.br/handle/10483/7226

MALLAT, J.D; GONÇALVES, A. N; GEHRKE, M. Licenciatura em Educação do Campo: princípios formativos a didática por área do conhecimento. Revista Brasileira de Educação do Campo. Tocantinópolis. V.2, n2, p. 677-704, 2018.

MOLINA, M. C; SÁ, L. M. Licenciatura em Educação do Campo. In: CALDART, R. S. et al. (orgs.). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz; Expressão Popular, 2012, p. 268 – 274.

ROSA, R. S. A produção agrícola na comunidade Kalunga Vão de Almas: um estudo de caso. 2016. 47 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) — Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/13160